



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dff@dabr.com.br

As falsas equivalências

Existe uma falsa equivalência no debate público, que começou na pandemia. Eram convidados um cientista e um negociacionista para debater, como se o problema fosse apenas de disputa de narrativas para ver qual sairia vencedora. E como se isso não tivesse consequências graves para a vida das pessoas.

Esse modelo se espalhou e domina a cena política atual. Se temos dois candidatos,

um que mente sistematicamente e outro fala lastreado pelos fatos, eles são reduzidos a autores de narrativas. Com isso, apaga-se os fatos, as biografias, os delitos, as realizações e a história de cada um.

Essa é uma das razões de termos uma eleição presidencial sem que o eleitor conheça os projetos de cada candidato. Em vez de debates, as escolhas são determinadas por vazamentos seletivos, especulações, peças produzidas por inteligência artificial e fake news. É neste vácuo que prospera a manipulação. Na eleição para governador de Brasília, graças aos debates, nós tivemos um mapeamento dos problemas e das propostas dos candidatos informações

mínimas para o eleitor escolher a opção que lhe parece melhor.

O STF está pagando pelos próprios erros. Em ação de 2023, liberou parentes dos magistrados para advogar em cortes superiores e contratou uma crise. Foi um equívoco, a Corte resistiu às investidas autoritárias e defendeu, bravamente, a democracia. Com isso, ensinou a uma campanha pertinaz e sistemática de descrédito. Não deveria oferecer a chance aos adversários da democracia.

O desencadeamento dos fatos só confirma a relevância do código de conduta para magistrados proposto pelo ministro Edson Fachin. Poderia ter evitado muitos erros que expuseram a instituição. O STF

precisa de autoridade moral para ser a instância máxima de defesa da Constituição.

Ao mesmo tempo, desperta a atenção a disparidade de tratamento a magistrados do STF e a outras figuras da classe política envolvidos no escândalo do Banco Master. Não se constata o mesmo rigor, o mesmo juízo implacável e a mesma cruzada moralista. Claro que um erro não justifica outro.

No entanto, o fato é que outros personagens cruciais são esquecidos e ninguém pede o impeachment deles. A facciosidade é tamanha que, há alguns meses, um comentarista chegou a propor o fechamento do STF. Depois, teve de recuar e pedir desculpas. O fechamento do STF é o sonho de todos os foras-da-lei.

Não defendo a impunidade; defendo a Justiça. Que cada um se responsabilize e seja responsabilizado por seus atos, mas com respeito às leis. Deveríamos aprender alguma lição de sensatez com a Operação Lava-Jato, que promoveu campanhas de vazamentos seletivos, sentenciou sem provas, propagou notícias distorcidas, insensou falsos mitos, quebrou empresas e abriu espaço para extremistas sem qualquer compromisso com a democracia.

Os juristas têm alertado que esses procedimentos tortuosos podem levar à anulação de investigações. Nós já conhecemos como termina esse filme. Que as instituições democráticas sejam preservadas acima dos interesses pessoais ou eleitoreiros.



Flávia Gomes da Silva e Anderson Gonçalves viveram nove anos um relacionamento marcado por agressões psicológicas, físicas e perseguições. Ontem, ele matou a companheira na rua, na frente da filha de 4 anos

Ciclo de violência termina em morte

» DARCIANNE DIOGO

Há um mês, Ana Gomes, 46 anos, sonhou com a morte de uma das seis irmãs. Achou, porventura, tratar-se de um devaneio, mas não sabia que a fantasia se tornaria realidade. Em uma calçada, intercalava o choro com a feição séria. “Não é minha irmã que está deitada ali não, né?”, questionava. A irmã era Flávia Gomes da Silva, 36. Ela foi covardemente assassinada a facadas pelo companheiro, o vigilante Anderson Gonçalves, na frente da filha do casal, de 4 anos.

Pouco antes das 19h de ontem, Flávia e Anderson discutiram dentro de casa. A residência fica a duas ruas do local onde ocorreu o feminicídio. Não era a primeira briga, relataram os familiares ao **Correio**. Desde que se conheceram, há mais de nove anos, a relação conturbada variava entre agressões psicológicas, físicas e perseguições. “Ele não deixava a gente entrar na casa dela (Flávia), controlava todos os passos dela e a perseguiu. Uma vez ela me chamou para vir comer um bolo com ela, mas eu nunca me dei bem com esse cara”, desabafou Ana.

Depois da discussão de ontem, Flávia pegou a filha caçula e cami-

nhou até um supermercado próximo. Fez compras e retornava para a casa com a menina no colo. Testemunhas narraram ao **Correio** que, na volta, Anderson a cercou, sacou uma faca e esfaqueou a vítima, que caiu ao chão com as sacolas de compras. Antes de desfalecer, mandou a filha correr. “(Depois do crime) Ele subiu a rua andando normalmente. Pegou o carro na porta da casa dele e fugiu”, relatou uma pessoa à reportagem.

O **Correio** apurou que o carro do autor foi localizado em uma região erma do Paranoá. Até o fechamento desta reportagem, o paradeiro dele era incerto.

Histórico

Anderson é vigilante e prestava serviço na Ermita Dom Bosco. Irmãs da vítima afirmam que o homem escondia, no ambiente profissional, a personalidade violenta e agressiva. No serviço, era profissional exemplar: evitava atrasos e sustentava um perfil simpático. “Quando chegava em casa, era um monstro”, desabafou Angeliana Gomes, outra irmã de Flávia.

Na porta da casa da vítima, as seis irmãs se reuniram aos prantos. Com sentimento de impotência, afirma-

Reprodução



Após uma discussão com o marido, Flávia foi ao mercado com a filha. Anderson a esfaqueou na volta

vam ter usado de todas as artimanhas para “salvar” Flávia. Lamentavam que, apesar dos recorrentes episódios de violência, a vítima não tinha coragem para registrar boletim de ocorrência contra o autor e se preocupava com a reputação do companheiro no local de trabalho dele. “O que ela tinha era dependência emocional”, disse a irmã.

Em 2023, relembra Angeliana, a família festejava na casa de Flávia, quando Anderson entrou na residência e agrediu a companheira na

frente de todos. “Desde o começo sabíamos que o pior estava por vir. Esse homem é um covarde. Aquela foi a primeira vez que ele cometeu algo contra ela na nossa frente.”

Ana Gomes relata outro episódio. Conta que, um dia, Flávia telefonou pedindo ajuda, pois Anderson estaria cercando-a no trabalho em um posto de gasolina da Asa Norte. Há quatro meses, Flávia conseguiu outra oportunidade de emprego no setor de serviços gerais no Edifício Vitória, no Setor de Autarquias Sul. “Mi-

Divulgação



nha irmã era uma mulher trabalhadora. Era de casa para o trabalho e só pensava em dar o melhor para os filhos. Tinha saído do emprego para ter mais tempo para a filha menor”, detalhou.

Flávia deixa três filhos. Dois deles, de 16 e 21 anos, são frutos de um relacionamento anterior. A caçula, de 4 anos, é filha do suspeito. A vítima ainda cuidava de um irmão deficiente físico. Até a noite de ontem, policiais civis e militares montaram uma força-tarefa de

buscas pelo autor. O caso é investigado como feminicídio.

Tentativa

Um homem foi preso após atacar a esposa com uma marreta, na CL 407, em Santa Maria. Segundo informações preliminares, o suspeito atingiu a mulher na cabeça, provocando um corte profundo. Um terceiro